



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

## O SENTIDO DO SILÊNCIO EM FABIANO E MACABÉA

Joanne Ferreira de Oliveira Cordeiro\*  
(UESB)

Jorge Miranda de Almeida\*\*  
(UESB)

### RESUMO

Este artigo, com base principalmente na perspectiva bakhtiniana do dialogismo e nas ideias de Antony Giddens sobre modernidade e identidade e de Eni Orlandi sobre as formas do silêncio, objetivou investigar a subjetividade do silêncio em duas obras da Literatura Brasileira, *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, e *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector. Objetiva também verificar se Fabiano e Macabéa, sufocados pela adversidade, representam a trajetória da existência do indivíduo marginalizado no silêncio em decorrência de sua inserção num meio seco e desmotivador, tanto o que permanece no inóspito da seca sertaneja, como ocorre com Fabiano, quanto o que se retira para um contexto supostamente favorável, a cidade grande, como se dá com Macabéa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Silêncio. Subjetividade. Existência.

### INTRODUÇÃO

A literatura brasileira dos anos 1930 e 1940, por meio da prosa, dedicou-se a retratar e a denunciar a condição de exclusão do brasileiro detido na miséria, vítima de um sistema político e social de exploração e impunidade. Nesse contexto Graciliano Ramos (1938), em *Vidas Secas*, e Clarice Lispector (1977), em *A Hora da*

---

\* Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB; Mestranda em Memória, Linguagem e Sociedade, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB; Professora do Instituto Federal de Ciências e Tecnologia da Bahia – IFBA. E-mail: joanneportugues@hotmail.com.

\*\*Prof. titular DFCH-UESB, prof. programa permanente do PPGMLS-UESB-BA. (mestrado e doutorado) em Memória: Linguagem e Sociedade; prof. colaborador PPG Linguística UESB-BA. E-mail: mirandajma@gmail.com.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

*Estrela*, constroem suas respectivas personagens Fabiano e Macabéa, familiarizados pela forma andarilha de viver alheios à própria existência e em especial pelo fato de serem dominados subjetivamente pelo silêncio.

Tanto Graciliano como Clarice elegem o silêncio como um forte elemento comunicativo nas complexas relações interpessoais, bem como um inegável índice da construção da personalidade desses indivíduos inseridos num contexto político-social que lhes é adverso. Eles não se manifestam através da palavra ativa, carregada de sentido e capaz de interferir no seu contexto. Quando a utilizam, é a palavra do outro, aceita e imitada, sem a autêntica expressão da própria existência; ou, quando muito, na tentativa de mostrar algo de si mesmos, realizam construções estranhas, sem o poder da comunicação efetiva. Apesar de serem personagens de obras diferentes e de autores igualmente diversos, tornam-se irmanados por essa forma silenciada de ser, pela rudeza de estar no mundo sem se adaptar a ele, pela maneira raquítica de se relacionar com os outros e de ir se conformando com as imposições que lhes são feitas pelo estado empobrecido de vida. Fabiano erra pelo sertão, mais bicho do que homem, e Macabéa, evocando o signo da retirada sertaneja rumo ao sudeste do país, traz a herança do sertão, vivendo de igual modo na penúria.

A força da comunicação subjetiva do silêncio é evidente nesses clássicos da Literatura Brasileira, os quais se encontram no vínculo de um discurso silencioso. Então, como a identidade coletiva e de indivíduo pode se revelar com clareza no discurso silencioso e subjetivo dessas personagens? De que forma a condição socioeconômica, a cultura, a história que eles refletem pode ser conhecida no pouco dito e na palavra muda com que seus criadores constroem a narrativa? Fabiano e Macabéa são figuras que se erigem na ficção literária brasileira, ao mesmo tempo, como reflexo dos indivíduos marginalizados e como negação contundente deste instrumento de opressão do empobrecido, que são os valores hierárquicos e as normas da sociedade desigual.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Os escritores de 30 e 40 constroem uma Literatura que reflete preocupações de ordem econômica e social, humana, religiosa e filosófica. Graciliano Ramos é um escritor nordestino que se destaca por criar a partir de observações do nada, do pouco provável. De acordo com Antônio Cândido (2006), o escritor mostra um discurso poderoso através de personagens quase incapazes de falar. De igual modo, Clarice Lispector, por meio de uma literatura intimista, cria uma personagem que reúne em si todo tipo de falta, econômica, social, física, espiritual e intelectual, cuja vida, conforme observa o narrador inventado de Clarice, “seria uma longa meditação sobre o nada” (LISPECTOR, 1977, p.38).

Essa literatura critica a modernidade, que, como afirmam Marx e Engels, “é o permanente revolucionar da produção, o abalar ininterrupto de todas as condições sociais, a incerteza e o movimento eternos” (MARX, ENGELS, 1999. p.69). Nesse sentido do abalo e da incerteza da condição social, Fabiano e Macabéa representam as vítimas sertanejas nordestinas da contundente seca, dissolvidas e despersonalizadas nessa retirada do seu contexto primitivo em busca de uma condição mais amena de vida. É o sujeito que vai existindo simplesmente, que sobrevive no adverso, tendo anulada a construção da personalidade, do caráter.

O silêncio dessas personagens caracteriza a não-afirmação de sua própria personalidade, por meio da supressão da voz contestadora, num mundo em que ainda há os que se veem privados do direito à fala e ao livre exercício do pensamento e de sua expressão. Sobrevivem então às situações desfavoráveis com o não-dito, com a ausência da palavra. Graciliano e Clarice revelam nitidamente o interior dessas suas personagens por meio da palavra escassa e do silêncio abundante, quando este diz mais que a palavra, pois é aqui a condição da linguagem criadora. É o silêncio-paradoxo-linguagem. Com o não-dito, as personagens denunciam o vazio e a falta que lhes são tão reais e, a partir do não-dito, testemunham com a negação da própria subjetividade um mundo em que o



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

outro é coisificado numa terrível lógica de exclusão do próximo, reduzindo-o a um não-ser.

A linguagem representativa desses irmãos retirantes sertanejos é errante e transita entre o dizer confuso e o silenciar. Macabéa não sabe nem diz sobre si mesma: “Não sei bem o que sou, me acho um pouco... de quê? ... Quer dizer não sei bem quem eu sou.” (LISPECTOR, 1978, p. 68). Fabiano deseja falar como seu Tomás da Bolandeira e sabe que não consegue, mas tenta dar forma ao que nem é ideia, construindo frases semanticamente impossíveis, diante de situações que ele também não consegue dominar, como quando, por exemplo, “o soldado amarelo” o convida para jogar: “*Fabiano atentou na farda com respeito e gaguejou, procurando as palavras de seu Tomás da Bolandeira: - Isto é. Vamos e não vamos. Quer dizer. Enfim, contanto, etc. É conforme.*”. (RAMOS, 1938, p. 28).

É possível então perguntar-se sobre qual seria a relação entre a subjetividade do sujeito e o seu silenciamento em uma situação adversa como a descrita por Graciliano e por Clarice. E ainda que valor subjetivo teria o silêncio num contexto em que a palavra (quase) se ausenta para dar lugar à expressão através de recursos (quase) extralinguísticos. Existe subjetividade onde não há palavra? A escassez da palavra seria capaz de revelar a subjetividade do ser? Seria o silêncio abundantemente significativo na relação do sujeito com a sociedade em que se insere? Como as relações de comunicação poderiam se dar quase exclusivamente pela fala de um elemento dominante em detrimento da participação ativa do outro assujeitado ao silenciamento, conformedo com sua condição “inferior”, “fraca” e desprovida de qualquer real interlocução?

A comunicação entre os indivíduos pressupõe o uso da linguagem e, mais precisamente, de signos. Mikhail Bakhtin (1992), teórico russo e pesquisador da linguagem, explica que todo signo é resultado do consenso entre os seres humanos socialmente organizados, durante o processo de interação. O sujeito é chamado a se manifestar diante de outros sujeitos, através da palavra, a fim de se expressar



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

subjetivamente em diferentes situações, numa interação que considera a palavra do outro, recebendo-a e transformando-a na palavra própria, num movimento dialógico vivo e repleto de significação. Nesse percurso, há um processo de intersubjetividade e de interdiscursividade, como afirma Bakhtin (1992).

Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (...), é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos. (BAKHTIN, 1992. p.294)

O que é significativo no contexto de Bakhtin e fundamental em nossa análise está contido na tese de que a palavra é o fenômeno ideológico por excelência, tese exposta na obra *Marxismo e filosofia da linguagem* (2000). Ora, se o sujeito é chamado a se manifestar diante de outros sujeitos para que a interlocução e o diálogo aconteçam, que sujeito é produzido quando ele tem a palavra negada pelo construto social ao desqualificá-lo na capacidade de falar? O que Graciliano e Lispector demonstram com pertinência é que os retirantes, sobretudo, os nordestinos, mas poderemos ampliar para qualquer homem impedido de utilizar a palavra e assujeitado ao silenciamento, no fundo são vítimas de uma estratégia de exclusão e negação da personalidade subjetiva.

Além disso, segundo Bakhtin (2000), a compreensão é uma forma de diálogo, pois envolve a apreciação valorativa do outro e uma (o)posição à palavra do locutor, a resposta, em forma de outra palavra, de um gesto ou mesmo do silêncio. A constituição do sujeito, de sua caracterização como ser, se dá pela relação de mão dupla com o outro dialogicamente. O que efetivamente não acontece quando a voz oficial nega ao outro o direito e o exercício da palavra. A palavra adquire uma importância que transcende a dimensão da linguagem e da comunicação. A palavra é ética por excelência. Ela é a medida da grandeza, da



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

libertação ou da opressão da condição humana. Nessa perspectiva, o outro é fundamental na edificação da vida humana. Edificar, diria o filósofo dinamarquês Kierkegaard (2005), é construir a partir de fundamentos. Nesses teóricos é equivalente a discussão sobre a edificação como condição de construir a dialética entre a subjetividade do si mesmo e a objetividade da sociedade e do meio sociocultural.

Como afirmam Bakhtine Kierkegaard, a constituição do ser se dá pela dialogia, a alteridade marca o processo de construção do ser humano.

Na vida agimos assim, julgando-nos pelo ponto de vista dos outros, tentando compreender, levar em conta o que é transcendente à nossa própria consciência: assim levamos em conta o valor conferido ao nosso aspecto em função da impressão que ele pode causar em outrem. (BAKHTIN, 2000, p.35-36)

O que os dois filósofos acrescentam à nossa análise é o deslocamento da linguagem enquanto fonte criadora e emancipadora dos homens para uma utilização da linguagem enquanto adestramento e controle social. Segundo o pensador dinamarquês, “cada indivíduo desses incontáveis é algo de determinado, em sua diversidade, cada um representa algo de determinado, mas no essencial ele é algo de outro” (KIERKEGAARD, 2005, p. 109). Ser algo de outro ou do outro é despossuir-se, é exatamente o que acontece com Fabiano e Macabéa dentro dos horizontes em que foram construídos.

Fabiano e Macabéa se encontram na inversão da perspectiva de Bakhtin (1992), já que eles não realizam a interação dialógica, a comunicação da alteridade. Pelo contrário, eles são alienados, herméticos; são impedidos de se comunicarem, pois o moderno meio sociocultural em que estão inseridos é adverso, sufocante. A comunicação impotente de Fabiano distancia-o das relações com as pessoas e o aproxima dos bichos: “Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia.” (RAMOS, 2006, p. 20). Macabéa, por sua vez, é apontada pelo inventado



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

narrador de Clarice como uma pessoa que não articula palavras e ideias, nem pensa sobre si mesma: “Maca, porém, jamais disse frases [...] por ser de parca palavra. E acontece que não tinha consciência de si e não reclamava nada, até pensava que era feliz.” (LISPECTOR, 1977, p. 69).

Fabiano e Macabéa podem ser vistos, concordando com a ótica de George Lukács (2000), como o retrato do “herói problemático”, localizados na ruptura entre sua existência e o mundo, peregrinando rumo a si mesmos, percorrendo “desde o opaco cativo na realidade simplesmente existente, em si heterogênea e vazia de sentido, para o indivíduo rumo ao autoconhecimento”. (LUKÁCS, 2000, p.82). Fabiano, em sua retirada com a família, tinha necessidade de entender sua própria existência, afirmando-a/desafirmando-a.

- Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta. Conteve-se [...] E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. [...] Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, alguém tivesse ouvido a frase imprudente. Corrigiu-a murmurando: - Você é um bicho, Fabiano.(RAMOS, 2006, p.19-20)

Macabéa, da mesma forma, sob a perspectiva de Lukács (2000), localiza-se na ruptura entre sua fraca existência e o mundo: “ela prestava atenção nas coisas insignificantes como ela própria” (LISPECTOR, 1977, p.52). A moça não conhecia o paradoxo de sua condição no mundo: ocupar e não ocupar lugar nenhum; não ser ninguém, mas ser mulher.

[...] Quando acordava não sabia mais quem era. Só depois é que pensava com satisfação: sou datilógrafa e virgem, e gosto de coca-cola. Só então vestia-se de si mesma, passava o resto do dia representando com obediência o papel de ser. (LISPECTOR, 1977, p. 36)



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

O vaqueiro Fabiano e a tímida Macabéa são construídos quase plenamente por meio do silêncio. Eni Puccinelli Orlandi, na obra *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*, interpreta-o, dizendo que:

Quando o homem individualizou (instituiu) o silêncio como algo significativamente discernível, ele estabeleceu o espaço da linguagem. O silêncio não é o nada. É uma linguagem “fundante” (...) Quer dizer, o silêncio é a matéria significante por excelência, um continuum significante. Desse modo, é através dele que nascem as significações. (1997, p.4)

A marca do silêncio nessas personagens significa destituição da oportunidade de “dizer” e esse “não-dizer” reflete sua condição de humilhados, subumanos e passivos no estado de exclusão em que se confinam. Este não é o silêncio místico e livre, onde o indivíduo singular penetra em si mesmo para se elaborar e conhecer, após longa convivência, os seus limites e potências. É sim o silêncio imposto, que oprime, violenta e mata as personagens da literatura e os personagens da vida real. O que Fabiano e Macabéa vivenciam é o silêncio da opressão e do medo, a negação por excelência da linguagem e da ética. Da primeira, porque não exercitam a liberdade de expressar-se e testemunhar a si mesmo *no e por meio* da linguagem dialógica; da segunda, porque não havendo relação, ocorre o domínio de um sobre o outro, repetindo e reproduzindo a dialética do senhor e do escravo.

Essas personagens se sentem incapazes nesse mundo hostil que os rejeita, e como esclarece Anthony Giddens, em *Modernidade e Identidade*, “o indivíduo deixa de ser ele mesmo; adota inteiramente o tipo de personalidade que lhe é oferecido pelos padrões culturais” (2002, p. 177). Se é o silêncio ou sua inabilidade verbal o que lhe é permitido, então é nessa condição que ele vai existindo e o que fica do verdadeiro eu “é experimentado como vazio e inautêntico” (GIDDENS, 2002, p. 177). Fabiano no encontro com o “soldado amarelo” no capítulo “Cadeia” (RAMOS, 1938, p. 28) “caminhou atrás do amarelo, que era autoridade e mandava. Fabiano



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

sempre havia obedecido. [...] pensava pouco, desejava pouco e obedecia.” Macabéa, vendo numa ocasião o título do livro *Humilhados e ofendidos*, do escritor russo Dostoiévski, pela primeira vez “se definiu numa classe social e concluiu que nunca fora ofendida, que tudo acontecia porque as coisas são assim mesmo e não havia luta possível, para que lutar?” (LISPECTOR, 1977, p. 40).

O silêncio significa e refaz os sentidos possíveis, pois não é uma ponte imóvel entre os signos linguísticos, ele se move entre pensamento, palavra e matéria. No silêncio dessas personagens, reside o não-dito, presente nos intervalos e pausas do seu (não)discurso. Todos os Fabianos e Macabéas marcados pela marginalização social podem utilizar a linguagem do silêncio, entendida como um movimento ruidoso e prenhe de sentido. O silêncio desses indivíduos é o indício de uma totalidade significativa. Isto nos leva à compreensão do “vazio da linguagem como horizonte e não como falta” (ORLANDI, 1997, p. 70), na construção do ser subjetivo. Para Orlandi, “o silêncio é o real do discurso” (1997, p. 89). É o lugar de sentidos que se fazem fora da representação da palavra, que estão no (in)consciente humano, nas tramas do que o sujeito vive e transforma, ou deforma no caso das personagens em evidência nesta pesquisa. Como afirma Orlandi, “o silêncio, mediando as relações entre linguagem, mundo e pensamento, resiste à pressão exercida pela urgência da linguagem” (1997, p. 31).

Aqui se vislumbra como o signo do silêncio e da inabilidade verbal aproxima dois personagens que, apesar de existirem em espaço e tempo ficcionais diferentes e em autores também distintos, refletem a fraca trajetória existencial desses indivíduos representantes de uma multidão de excluídos da sociedade, igualmente filhos do silêncio.

Em *Vidas Secas*, Graciliano mostra um discurso poderoso “através de personagens quase incapazes de falar” (CANDIDO, 2006. p. 145). Fabiano, bem como os outros integrantes de sua família, está inserido em um contexto de silêncio ou inabilidade verbal de tal forma que o narrador utiliza o discurso



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

indireto livre e veste-se muitas vezes da personagem, transformando-o não só em “um intérprete mimético, mas em alguém que institui a humanidade de seres que a sociedade põe à margem empurrando-os para as fronteiras da animalidade”(CANDIDO, 1999, p. 106). Macabéa pensava que ela se dava melhor com os bichos do que com os homens e Fabiano se considerava um bicho mesmo.

Em *A Hora da Estrela*, o resgate da humanidade da personagem se dá pela voz do narrador inventado por Clarice Lispector, Rodrigo S. M., que tenta ceder sua voz à silenciada Macabéa, por meio de um processo de identificação subjetiva. Segundo Waldman (1998, p.97), “a exclusão da protagonista das relações de produção e sua decorrente exclusão sociocultural, a elevam como figura símbolo do exército de excluídos que compõem a população brasileira” nas cidades.

Fabiano e Macabéa, esvaziados do sujeito histórico-crítico, recorrem continuamente ao recolhimento, deixando-se cair na quebra da construção da subjetividade, circunscritos que estão num estado cognitivo e emocional fraco e interrompido. A vida em sociedade exige referência ao outro. Garcia-Roza (1996), em estudo sobre a psicanálise de Freud, diz que é tendo o outro como referência que o sujeito se constitui como um Eu. Mas com Fabiano e Macabéa, a construção desse eu se dá não pela referência, mas pela imitação, “Fabiano desejava imitar seu Tomás da Bolandeira, dizia palavras difíceis. Tolice. Via-se perfeitamente que um sujeito como ele não tinha nascido para falar certo”(RAMOS, 1938, p. 22); pela concordância com a voz do outro, ativo e dominador, num discurso monológico e inflexível, como quando Macabéa “nada argumentou em seu próprio favor quando o chefe [...] avisou-lhe com brutalidade” que estava despedida (LISPECTOR, 1977, p. 25). Assim, como afirma Telles (1989, p.31), “o silêncio se converte em expressão de si mesmo e engendra suas normas, sua lógica, inventa o seu código de valores estéticos, enfim, a sua retórica.”.

E situando este trabalho no diálogo da narrativa literária com a Memória, convém observar como aqui é evocada a memória da impotência de seres humanos



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

silenciados e excluídos da sociedade. É válido, portanto, ressaltar a importância dos postulados de Maurice Halbwachs (2006) sobre a memória coletiva e de Michael Pollak (1989) sobre as memórias marginalizadas. Para Halbwachs (2006), a memória deve ser entendida como um fenômeno social. Na memória de um indivíduo se reconhecem as marcas do seu grupo social. As idéias de Halbwachs (2006) são relevantes para este trabalho, na investigação de como a condição subjetiva de Fabiano e de Macabéa, em seus deslocamentos, se torna uma representação dos indivíduos em situação semelhante. Além disso, considera-se então que o interesse da memória coletiva deixa de ser exclusivamente dos grandes homens para ser de todos os homens (LE GOFF, 1996). O pensamento de Michael Pollak (1989) sobre as “memórias marginalizadas”, que “privilegia a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias” é também importante para este estudo, pois acreditamos que as personagens de Graciliano e de Clarice representam enfaticamente esses marginalizados e socialmente vencidos.

## CONCLUSÕES

O propósito deste trabalho foi o de analisar o sentido do silêncio na criação literária de Graciliano Ramos e Clarice Lispector em Fabiano e Macabéa, observando que essa ficção é verossímil e representativa da realidade dos indivíduos retirantes nordestinos colocados à margem da sociedade e assujeitados ao silenciamento e à conseqüente desconstrução da personalidade subjetiva na intensa adversidade da seca.

A vida desses indivíduos, tanto na ficção como na realidade, está baseada em uma relação entre migração, existência e sentido e sua linguagem também reflete o vazio do ser em constante deslocamento e inadaptação, o que é revelado na ausência de sentido da comunicação, ou na errância dos sentidos e das idéias. A questão por excelência aqui foi diagnosticar se esses indivíduos tem existência de



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

fato ou se apenas estão vivos compondo a paisagem, sem que se possa observar neles a singularidade do sujeito. Verificamos que esta é dissolvida na negação da palavra e da interação dialógica eficaz, prevalecendo a voz oficial do domínio e da exploração.

Vimos na tessitura literária em destaque um lugar privilegiado em que o silêncio assume paradoxalmente sua relevância introspectiva e gritante. E sendo esmagados pela natureza e pelos homens, existindo simplesmente, Macabéa e Fabiano, filhos desse silêncio e irmãos de todos os indivíduos que são ou serão silenciados pelo discurso do outro, refletem na narrativa literária a história dos socialmente vencidos.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Michail V. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2000.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8ª. Ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Ficção e Confissão*. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- GARCIA-ROZA, L. A. *Introdução à metapsicologia freudiana*. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. Trad. Plínio Dentzen. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002.
- HALBAWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- KIERKEGAARD, Soren. *As Obras do amor*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória: Tradução de Bernardo Leitão [et. al.]*. 4ª. Ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1996.
- LISPECTOR, Clarice. *A Hora da Estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- LUKÁCS, G. Epopéia e romance. In: *A teoria do romance*. São Paulo: Duas cidades, 2000.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. Petrópolis: Vozes, 1990.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. São Paulo: Unicamp, 1997.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, vol2, no. 3, 1989.

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas* – 99ª. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

TELLES, Gilberto. *Retórica do silêncio*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

WALDMAN, Berta. Armadilha para o real: (Uma leitura de *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector). In: Vários autores. *Ficção em debate e outros temas*. São Paulo: Duas Cidades, Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1979.